

PERDA DE MERCADO DO BRASIL NA AMÉRICA DO SUL

RECOMENDAÇÕES PARA APRIMORAR
A INTEGRAÇÃO REGIONAL



Confederação Nacional da Indústria
PELO FUTURO DA INDÚSTRIA

PERDA DE MERCADO DO BRASIL NA AMÉRICA DO SUL

RECOMENDAÇÕES PARA APRIMORAR
A INTEGRAÇÃO REGIONAL

Acesse a publicação
pelo QR Code abaixo.



CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA – CNI

Robson Braga de Andrade

Presidente

Gabinete da Presidência

Teodomiro Braga da Silva

Chefe do Gabinete - Diretor

Diretoria de Desenvolvimento Industrial

Carlos Eduardo Abijaodi

Diretor

Diretoria de Relações Institucionais

Mônica Messenberg Guimarães

Diretora

Diretoria de Serviços Corporativos

Fernando Augusto Trivellato

Diretor

Diretoria Jurídica

Hélio José Ferreira Rocha

Diretor

Diretoria de Comunicação

Ana Maria Curado Matta

Diretora

Diretoria de Educação e Tecnologia

Rafael Esmeraldo Lucchesi Ramacciotti

Diretor

Diretoria de Inovação

Gianna Cardoso Sagazio

Diretora

PERDA DE MERCADO DO BRASIL NA AMÉRICA DO SUL

RECOMENDAÇÕES PARA APRIMORAR
A INTEGRAÇÃO REGIONAL



Brasília, 2021



Confederação Nacional da Indústria

PELO FUTURO DA INDÚSTRIA

© 2021. CNI – Confederação Nacional da Indústria

Qualquer parte desta obra poderá ser reproduzida, desde que citada a fonte.

CNI

Superintendência de Desenvolvimento Industrial – SDI

FICHA CATALOGRÁFICA

C748p

Perda de mercado do Brasil na América do Sul : recomendações para aprimorar a integração regional / Confederação Nacional da Indústria – Brasília : CNI, 2021. 36p. – il.

1. América do Sul. 2. Comércio Internacional. I. Título.

CDU: 339.5

CNI
Confederação Nacional da Indústria
Sede
Setor Bancário Norte
Quadra 1 – Bloco C
Edifício Roberto Simonsen
70040-903 – Brasília – DF
Tel.: (61) 3317-9000
Fax: (61) 3317-9994
<http://www.portaldaindustria.com.br/cni/>

Serviço de Atendimento ao Cliente – SAC

Tels.: (61) 3317-9989/ 3317-9992
sac@cni.com.br

APRESENTAÇÃO

Os países da América do Sul estão entre os mais importantes parceiros comerciais do Brasil. São o principal destino das nossas exportações de produtos manufaturados, representando 38% do total, e têm uma grande participação nos investimentos das empresas brasileiras no exterior.

Na última década, no entanto, é nítida a perda de importância que a região vem tendo na nossa pauta de exportações. Para se ter uma ideia, as vendas brasileiras para a América do Sul caíram 24,7% na última década, mas as importações totais vindas dos países sul-americanos cresceram 12,9%.

Na presente publicação, a Confederação Nacional da Indústria (CNI) analisa a evolução da integração do Brasil à América do Sul, a perda de mercado, os setores afetados e os principais destinos dos nossos produtos. Além disso, o trabalho recomenda ações prioritárias na agenda de acordos comerciais que podem contribuir para retomar o espaço perdido pelo Brasil no subcontinente.

Esperamos que a publicação colabore com o debate acerca do aprofundamento das relações econômicas na região e para a recuperação das exportações brasileiras.

Boa leitura.

Robson Braga de Andrade

Presidente da CNI

LISTA DE GRÁFICOS

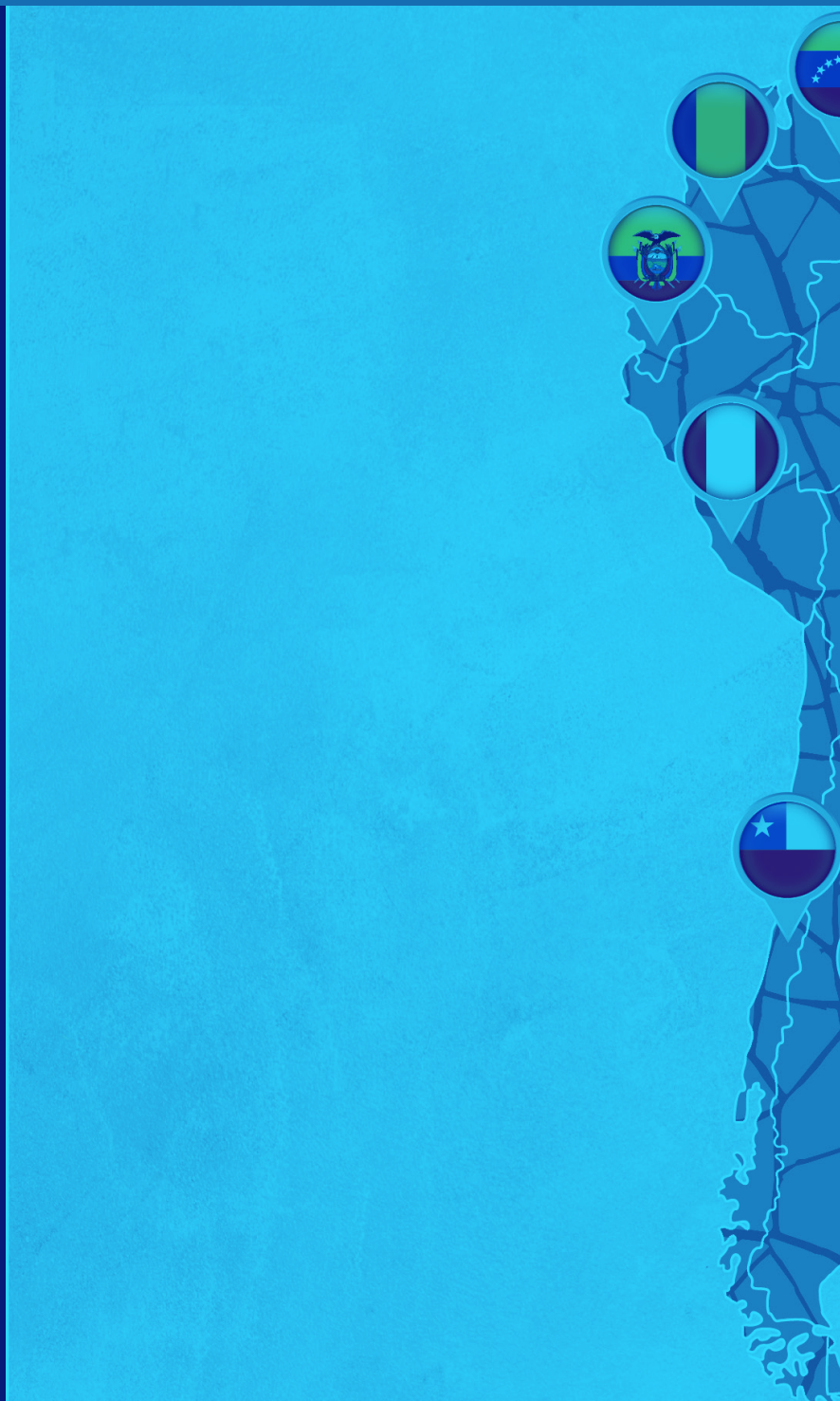
Gráfico 1 – Evolução da participação no comércio Brasil-América do Sul	15
Gráfico 2 – Variação das exportações do Brasil: parceiros selecionados (2010-2019)	16
Gráfico 3 – Composição das exportações do Brasil: parceiros selecionados (média 2010-2019)	17
Gráfico 4 – Participação de mercado do Brasil nas importações da América do Sul	20
Gráfico 5 – Participação do Brasil nas exportações dos países da América do Sul.....	21
Gráfico 6 – <i>Market Share</i> constante 2010-2019: diminuição nas vendas do Brasil para América do Sul (US\$ bi acumulado do período)	28
Gráfico 7 – <i>Market Share</i> constante 2010-2019: diminuição nas vendas do Brasil para América do Sul – setores selecionados (US\$ bi acumulado do período)	28

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Variação da importação total e Brasil: parceiros selecionados (2010-2019)	17
Tabela 2 – Variação das importações da América do Sul: parceiros selecionados (US\$ BI)	19
Tabela 3 – Principais setores de exportação do Brasil-América do Sul (US\$ BI)	24
Tabela 4 – Variação das importações da América do Sul do mundo e do Brasil: setores selecionados	25
Tabela 5 – Acordos do Brasil na América do Sul	32
Tabela 6 – Principais acordos extrarregionais da América do Sul	33

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 ANÁLISE GERAL	15
2 ANÁLISE POR PAÍS	19
3 ANÁLISE POR SETORES	23
4 ANÁLISE DE <i>MARKET-SHARE</i> CONSTANTE.....	27
5 ACORDOS NA AMÉRICA DO SUL	31
6 PRIORIDADES PARA A AMÉRICA DO SUL	35



INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o Brasil vem perdendo espaço como parceiro comercial dos países da América do Sul. A diminuição das exportações brasileiras para a América do Sul contrasta, ainda, com o crescimento de 12,9% observado nas importações totais do subcontinente no mesmo período. Ou seja, mesmo com a subida das importações no subcontinente, o Brasil teve queda em suas vendas.

Entre 2010 e 2019, houve redução de 24,7% das exportações e 20,4% das importações, sendo os destinos com quedas mais significativas a Argentina, o Equador e o Paraguai. Essa tendência impacta diretamente os produtos manufaturados, já que esse tipo de produto responde por 82% das exportações brasileiras para os países sul-americanos.

A perda de mercado se deu pela combinação de alguns motivos: pela perda de competitividade das exportações, pela queda do crescimento econômico na região, pela paralisação na agenda de acordos do Brasil com esses países e a consolidação de acordos comerciais mais profundos dos países da região com grandes economias, como Estados Unidos, União Europeia, Coreia do Sul e, em alguns casos, até a China. Apesar de ter avançado em acordos temáticos para atualização das principais regras do comércio internacional, sobretudo no âmbito do Mercosul e com o Chile, a maioria deles ainda não está em vigor.

O resultado foi que, na última década, produtos desses mercados passaram a substituir as vendas brasileiras, sobretudo pela entrada em vigor de acordos abrangentes e robustos.

Essa perda de mercado na América do Sul resultou em uma perda estimada em US\$ 56,2 bilhões para as exportações brasileiras. Essa perda é concentrada na Argentina, mas é diversificada em vários setores: 67% dos capítulos do sistema harmonizado (65 de 97) tiveram queda nas suas exportações.

Para compreender o estágio de integração do Brasil na América do Sul e sua perda de qualidade nos últimos anos, a publicação analisa como o comércio se comportou na região na última década, quantifica as perdas para as exportações brasileiras e reforça pontos prioritários para avançar na agenda econômica e comercial na América do Sul, como a ampliação dos acordos comerciais.

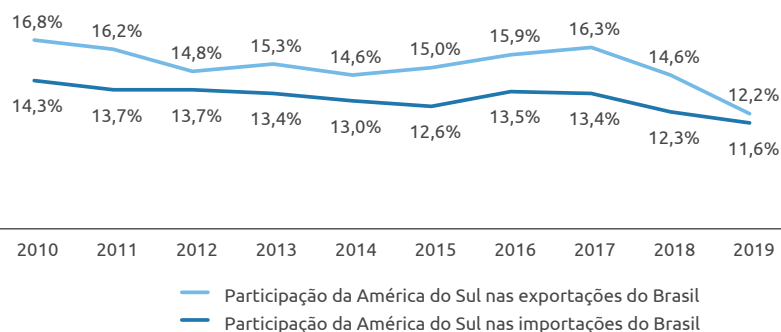


1 ANÁLISE GERAL

Os países da América do Sul são, em conjunto, o 4º principal destino das exportações e 4ª principal origem das importações do Brasil na última década. Em 2019, o comércio de bens do Brasil com a região somou US\$ 48,5 bilhões, sendo US\$ 27,9 bilhões em vendas e US\$ 20,6 bilhões em compras brasileiras do subcontinente.

A tendência de comércio bilateral, no entanto, tem sido de queda acentuada. Tanto no caso das exportações quanto das importações, houve diminuição no valor absoluto nos últimos 10 anos em 24,7% e 20,4% respectivamente. Com isso, a participação dos países sul-americanos nas exportações do Brasil perdeu importância, reduzindo-se de 16,8% para 12,2%, e nas importações de 14,3% para 11,6%. Em comparação ao comércio do Brasil com o mundo no mesmo período, houve queda de 2,4% nas importações e aumento de 11,7% nas exportações, na contra mão em relação ao que ocorreu com o comércio entre o Brasil e a América do Sul.

GRÁFICO 1 – Evolução da participação no comércio Brasil-América do Sul

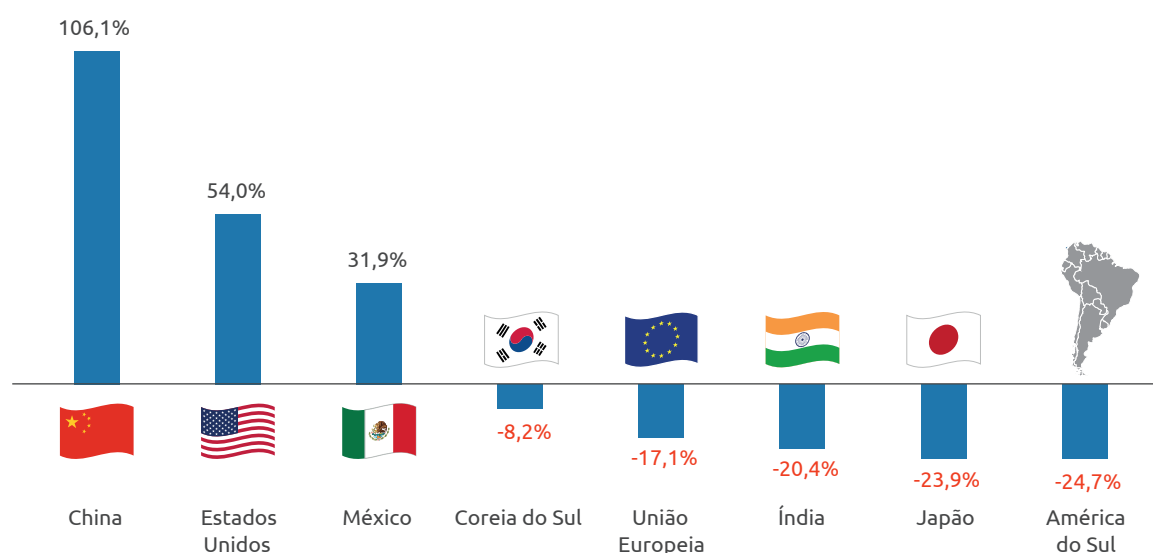


Fonte: Funcex DATA. Elaboração: CNI.

A contração do comércio foi mais sentida nos produtos industrializados, dada a composição da pauta intensiva nesses bens. Na comparação entre 2010 e 2019, as exportações brasileiras desse tipo de produto para a América do Sul caíram 27,6%. Do lado das importações, houve diminuição de 25,9%. A redução da importância do comércio com os países do subcontinente se intensificou a partir de 2017 e demonstra perda de qualidade do comércio e da integração entre os setores.

Ainda que no mesmo período o Brasil também tenha apresentado desempenho negativo em suas exportações para outros parceiros relevantes, como para a União Europeia, as vendas do país para a América do Sul foram aquelas que registraram o pior resultado. Os destinos com quedas mais significativas foram Argentina, Equador e Paraguai.

GRÁFICO 2 – Variação das exportações do Brasil: parceiros selecionados (2010-2019)



Fonte: Funcex DATA. Elaboração: CNI.

A diminuição das exportações brasileiras para a América do Sul contrasta, ainda, com o crescimento de 12,9% observado nas importações totais do subcontinente no mesmo período. Ou seja, mesmo com a subida das importações no subcontinente, o Brasil teve queda em suas vendas.

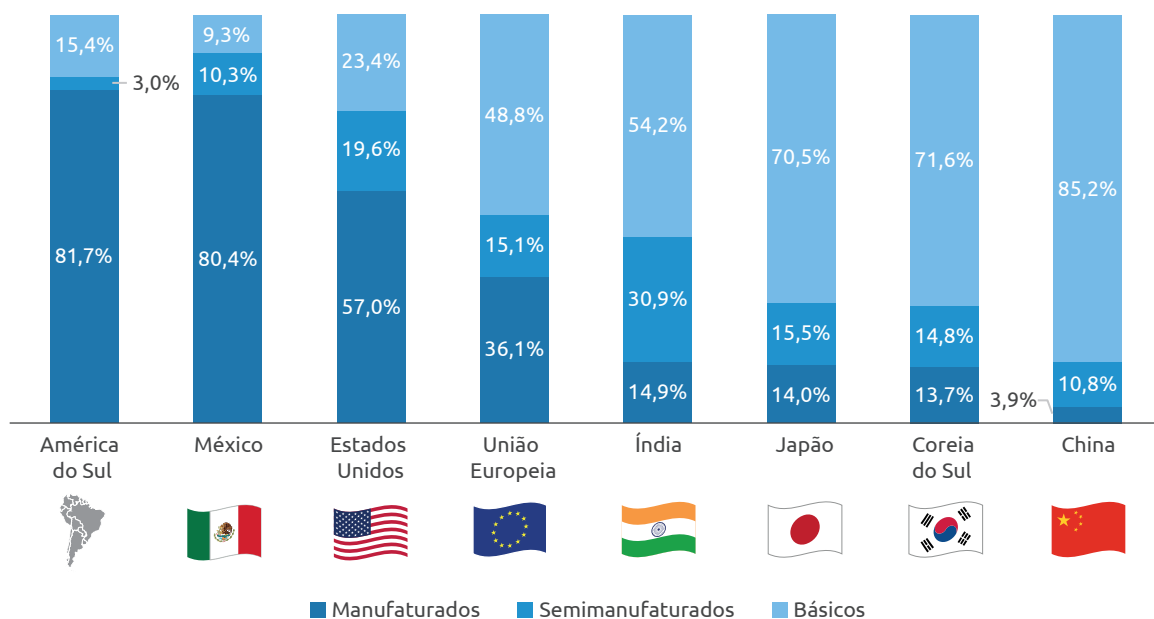
TABELA 1 – Variação das importações totais e do Brasil: parceiros selecionados (2010-2019)

IMPORTADOR	IMP. TOTAL (US\$ BI)		IMP. BRASIL (US\$ BI)		VARIÇÃO IMP. TOTAL	VARIÇÃO IMP. BRASIL
	2010	2019	2010	2019		
China	1.396,0	2.069,0	30,7	63,4	48,2%	106,1%
Estados Unidos	1.968,3	2.568,4	19,3	29,7	30,5%	54,0%
México	301,5	455,3	3,7	4,9	51,0%	31,9%
Coreia do Sul	425,2	503,3	3,8	3,4	18,4%	-8,2%
União Europeia	15.318,4	19.084,9	43,3	35,9	24,6%	-17,1%
Índia	350,0	478,9	3,5	2,8	36,8%	-20,4%
Japão	694,1	721,0	7,1	5,4	3,9%	-23,9%
América do Sul	234,1	264,3	37,1	28,0	12,9%	-24,7%

Fonte: Funcex DATA e TradeMap. Elaboração: CNI.

Esses resultados acendem um alerta de necessidade de fortalecer a competitividade exportadora do país e o comércio regional, sobretudo pela composição da pauta. Apesar da queda no comércio, a América do Sul segue como um destino importante para as exportações brasileiras, sobretudo de produtos industrializados.

As exportações do Brasil para os países sul-americanos concentram-se em produtos manufaturados (81,7%), com percentual que posiciona a região à frente de outros parceiros importantes do Brasil, como os Estados Unidos (57%). Em 2019, as exportações brasileiras desse tipo de produto para América do Sul e Estados Unidos somaram, respectivamente, US\$ 22,9 bilhões e US\$ 18,8 bilhões.

GRÁFICO 3 – Composição das exportações do Brasil: parceiros selecionados (média 2010-2019)

Fonte: Funcex DATA. Elaboração: CNI.



2 ANÁLISE POR PAÍS¹

A participação do Brasil nas importações dos países sul-americanos caiu 3,8 pontos percentuais (p.p.) na última década, de 14,5% em 2010 para 10,7% em 2019. No período, a participação de China, Estados Unidos e União Europeia nas importações do subcontinente cresceram, conforme tabela a seguir. Entre oito parceiros analisados, o Brasil registrou a maior perda de participação de mercado na América do Sul.

TABELA 2 – Variação das importações da América do Sul de parceiros selecionados

ORIGEM	2010		2019		VARIÇÃO (P.P.)
	VALOR (US\$ B)	PART.	VALOR (US\$ B)	PART.	
China	35,2	15,0%	54,2	20,8%	5,8
Estados Unidos	41,1	17,5%	50,9	19,5%	2,0
União Europeia	28,8	12,3%	35,5	13,6%	1,3
Índia	2,5	1,1%	4,5	1,7%	0,7
México	10,1	4,3%	9,9	3,8%	-0,5
Japão	8,7	3,7%	6,3	2,4%	-1,3
Coreia do Sul	7,5	3,2%	4,3	1,6%	-1,6
Brasil	33,9	14,5%	27,9	10,7%	-3,8
Outros	66,5	28,4%	67,3	25,8%	-2,6
TOTAL	234,1	100%	260,7	100%	N/A

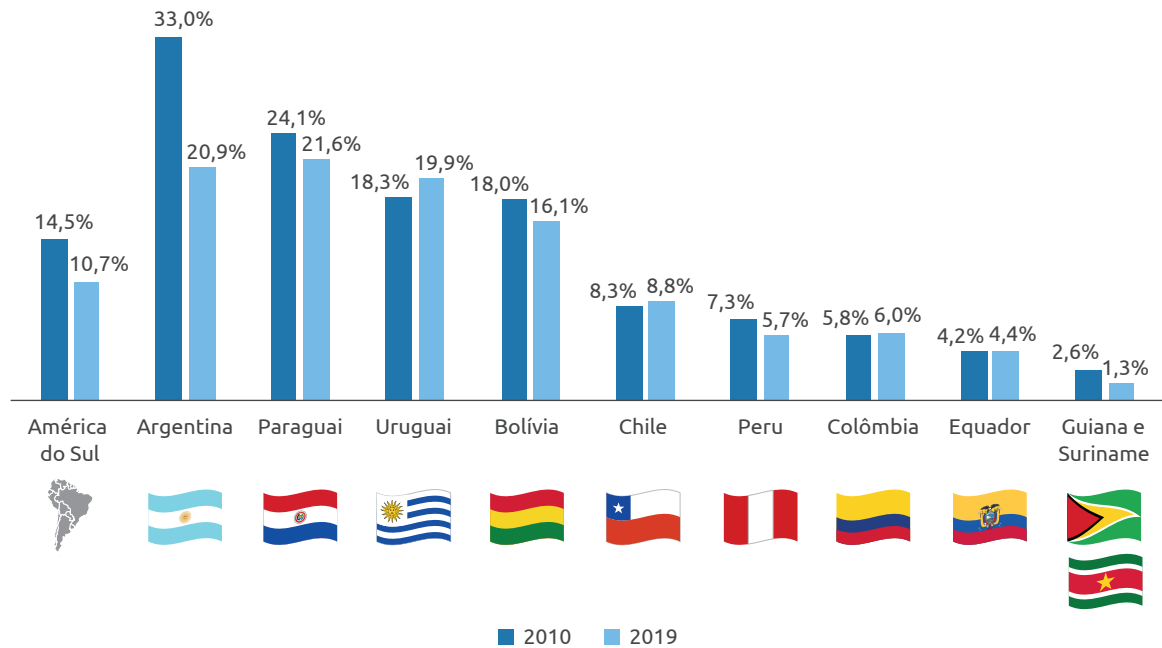
Fonte: Funcex DATA e TradeMap. Elaboração: CNI.

A importância do Brasil como fornecedor diminuiu em seis de dez países sul-americanos analisados. A queda em pontos percentuais foi maior nas vendas para Argentina, e, em menor nível, para Paraguai, Bolívia, Peru, Suriname e Guiana. Houve ainda tímida elevação de participação nas importações de Chile, Colômbia e Equador. Entre os demais países, o Brasil

¹ A partir desta seção, os dados de comércio da América do Sul não incluem a Venezuela, já que dados atualizados do comércio desse país não foram disponibilizados nas bases internacionais.

manteve estável sua participação como origem de importações na Colômbia, Equador e Chile. Conforme gráfico abaixo, houve aumento significativo de participação somente nas importações do Uruguai, de 1,6 ponto percentual.

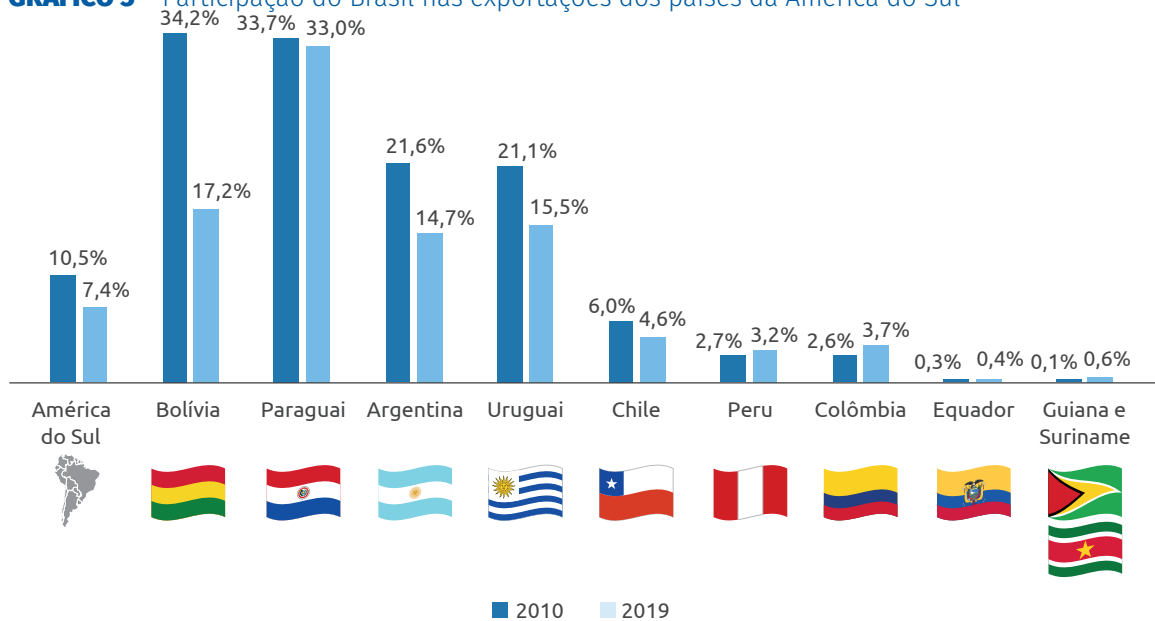
GRÁFICO 4 – Participação de mercado do Brasil nas importações dos países da América do Sul



Fonte: TradeMap. Elaboração: CNI.

Com relação às exportações dos países sul-americanos, a participação do Brasil como destino também tem dados preocupantes. A participação do conjunto de países no total importado pelo Brasil caiu 30%, de 10,5% em 2010 para 7,4% em 2019. Ou seja, o mercado brasileiro também perde importância como destino das vendas dos países sul-americanos, prejudicando a integração econômica e comercial. Uma das razões possíveis é a queda de crescimento econômico do Brasil e o redirecionamento das exportações para outros países.

Entre os dez países analisados, a importância brasileira como destino das vendas diminuiu em seis países, com queda expressiva nas exportações nos casos de Bolívia, Argentina e Uruguai e, em menor nível, Chile e Paraguai. Entre os demais países, o país manteve participação estável como destino de exportações de Equador e Peru. Além disso, houve aumento, mesmo que mínimo, somente na participação das exportações ao Brasil de Colômbia, Guiana e Suriname.

GRÁFICO 5 – Participação do Brasil nas exportações dos países da América do Sul

Fonte: TradeMap. Elaboração: CNI.



3 ANÁLISE POR SETORES

Houve queda generalizada entre os principais setores exportadores do Brasil para a América do Sul. Entre os dez principais setores, somente dois deles, carnes e papel e celulose, registraram aumento das exportações na última década, de 223% e 16,8%, respectivamente. Conforme tabela abaixo, os setores de máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-54,1%) e máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos (-30,2%) apresentaram as maiores quedas, seguidos de ferro, borracha e automóveis.

O aumento das vendas de carnes para a América do Sul concentrou-se no Chile, que representa 64% das exportações brasileiras para a região em 2019. As principais quedas, no entanto, concentraram-se nas vendas de máquinas e aparelhos mecânicos e elétricos para a Argentina.

TABELA 3 – Principais setores de exportação do Brasil para a América do Sul

SETOR (SH2)	2010		2019		DIFERENÇA (VALOR)	VARIACÃO
	VALOR (US\$ bi)	PART.	VALOR (US\$ bi)	PART.		
87 - Veículos automóveis	8,3	25%	6,7	24%	-1,6	-19,6%
84 - Máquinas e aparelhos mecânicos	3,9	12%	2,7	10%	-1,2	-30,2%
27 - Combustíveis minerais	2,5	8%	2,2	8%	-0,3	-13,2%
39 - Plásticos e suas obras	1,7	5%	1,7	6%	-0,0	-1,9%
72 - Ferro fundido, ferro e aço	1,8	5%	1,4	5%	-0,4	-23,1%
85 - Máquinas e aparelhos elétricos	2,6	8%	1,2	4%	-1,4	-54,1%
02 - Carnes e miudezas	0,3	1%	1,0	4%	0,7	223,0%
48 - Papel e celulose	0,8	3%	1,0	4%	0,1	16,8%
40 - Borracha e suas obras	0,8	2%	0,6	2%	-0,2	-24,0%
38 - Produtos das indústrias químicas	0,6	2%	0,6	2%	-0,0	-3,3%
Outros	9,9	30%	8,6	31%	-1,3	-13,5%
Total Geral	33,3	100%	27,6	100%	-5,7	-17,2%

Fonte: ComexStat. Elaboração: CNI.

No mesmo período, as importações da América do Sul oriundas do Brasil tiveram um pior resultado comparado à evolução das importações da América do Sul em oito de dez principais setores que o Brasil vende ao bloco sul-americano.

Houve crescimento das importações totais da América do Sul em seis desses dez principais setores, conforme tabela abaixo, e, apesar da contração nas importações dos países sul-americanos de veículos automóveis (-13,0%), ferro fundido, ferro e aço (-5,4%) e borracha e suas obras (-5,1%), as vendas brasileiras desses setores registraram piores resultados do que a média, respectivamente, -19,6%, -23,1% e -24,0%. Como destaque, o Brasil aumentou em 16,8% suas exportações de papel e celulose para a América do Sul entre 2010 e 2019. As importações da região desse setor, entretanto, diminuíram 6,2% no período.

TABELA 4 – Variação das importações da América do Sul do mundo e do Brasil: setores selecionados

SETOR (SH2)	VARIAÇÃO IMP. MUNDO	VARIAÇÃO IMP. BRASIL
87 - Veículos automóveis	-13,0%	-19,6%
84 - Máquinas e aparelhos mecânicos	2,5%	-30,2%
27 - Combustíveis minerais	6,9%	-13,2%
39 - Plásticos e suas obras	17,5%	-1,9%
72 - Ferro fundido, ferro e aço	-5,4%	-23,1%
85 - Máquinas e aparelhos elétricos	14,3%	-54,1%
02 - Carnes e miudezas	97,1%	223,0%
48 - Papel e celulose	-6,2%	16,8%
40 - Borracha e suas obras	-5,1%	-24,0%
38 - Produtos das indústrias químicas	38,5%	-3,3%
Outros	28,6%	-13,5%
Total Geral	12,9%	-17,2%

Fonte: TradeMap. Elaboração: CNI.



4 ANÁLISE DE MARKET-SHARE CONSTANTE

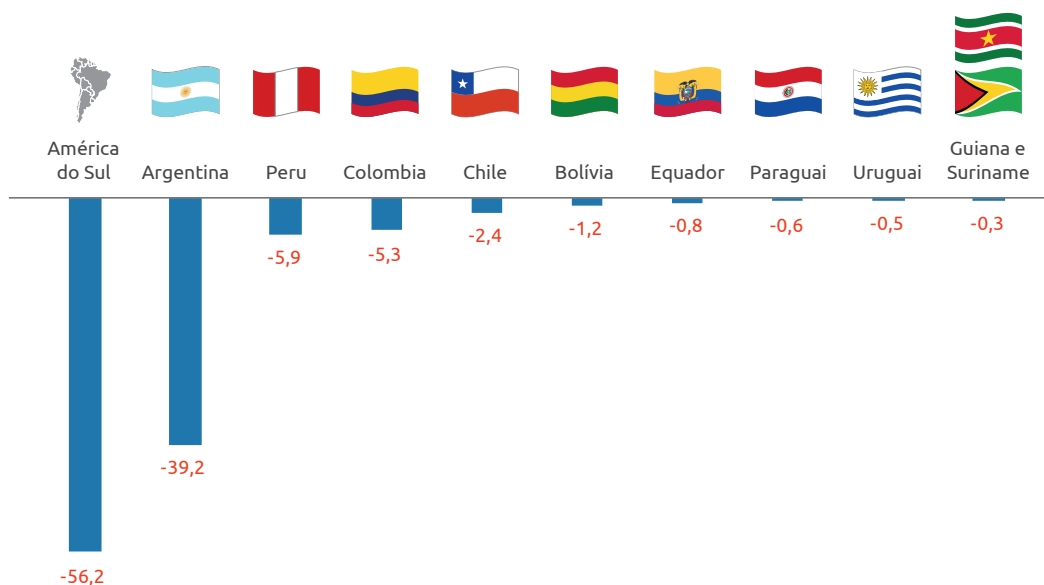
A análise do deslocamento das exportações brasileiras para outros países no comércio com a América do Sul pode ser mensurada através do modelo de participação constante de mercado (*market-share* constante). O modelo estima o valor que teria sido exportado pelo Brasil para a América do Sul em determinado período, supondo que o Brasil mantivesse, até 2019, a mesma participação de mercado nas importações dos países sul-americanos observada em 2010.

A metodologia utilizada considerou a participação anual do Brasil nas importações da América do Sul na última década. Com base na participação de mercado registrada em 2010 e considerado os anos subsequentes em que houve perda de *market-share*, foi quantificada a diminuição acumulada das vendas do Brasil para a região. O resultado é a diferença entre o valor anual importado pelos países sul-americanos do Brasil e o valor estimado caso mantida a participação de mercado de 2010.

Ao longo dos últimos dez anos, o Brasil registrou perda de *market share* em todos os países sul-americanos. Até 2019, houve recuperação na posição como fornecedor somente nas importações do Chile, Colômbia, Equador e Uruguai.

Caso tivesse mantido *market-share* constante desde 2010 em todos os países sul-americanos analisados, as vendas brasileiras para a região teriam um acréscimo de US\$ 56,2 bilhões no acumulado da década, sendo o principal destino dos produtos brasileiros afetado no período a Argentina, representando 70% do total das perdas na região.

GRÁFICO 6 – *Market share* constante 2010-2019: diminuição nas vendas do Brasil para América do Sul (US\$ bi acumulado do período)



Fonte: TradeMap. Elaboração: CNI.

O desempenho é corroborado pela perda de mercado do Brasil nas importações da América do Sul em 67% dos capítulos do sistema harmonizado (65 de 97). Na análise de *market share* constante, quinze setores registraram perdas acima de US\$ 1 bilhão nas exportações para os países sul-americanos no acumulado entre 2010 e 2019.

GRÁFICO 7 – *Market share* constante 2010-2019: diminuição nas vendas do Brasil para América do Sul – setores selecionados (US\$ bi acumulado do período)



Fonte: TradeMap. Elaboração: CNI.










5 ACORDOS NA AMÉRICA DO SUL

O desempenho negativo das exportações brasileiras na América do Sul tem diversos motivos, como a perda de competitividade internacional nos últimos anos e a paralisação na agenda de amplas reformas no Brasil. Entretanto, deve-se considerar também que a rede de acordos na região está defasada. Em sua maioria, esses acordos estão focados em temas tarifários.

Os países da América do Sul são parceiros de longa data do Brasil no comércio de bens, área em que há acordo vigente com todos os países. Depois do acordo do Mercosul, o acordo com o Chile é o mais antigo, tendo sido concluído em 1996.

TABELA 5 – Acordos do Brasil na América do Sul

	Bens	Investimentos	Serviços	Compras públicas
 Argentina	✓	✓	✓	✓
 Bolívia	✓			
 Chile	✓	✓	✓	✓
 Colômbia	✓	✓	✓	✓
 Equador	✓	✓		
 Guiana	✓	✓		
 Paraguai	✓	✓	✓	✓
 Peru	✓	✓	✓	✓
 Suriname	✓	✓		
 Uruguai	✓	✓	✓	✓
 Venezuela	✓			

Em vigor

Em tramitação

Em negociação

Fonte: SICE e Concórdia. Elaboração: CNI.

Os acordos do Brasil na região foram negociados sob o guarda-chuva da Associação Latino-Americana de Integração (ALADI). De forma geral, esses acordos, quando negociados, eram limitados à desgravação tarifária de bens e regras de origem, sendo que os capítulos que envolviam outros temas tendem a reafirmar as regras da Organização Mundial do Comércio (OMC).

Esses acordos também não são homogêneos. Alguns são mais amplos, como são os casos de Chile e Peru, e outros possuem algumas limitações importantes em acesso a mercados, como no acordo com a Colômbia, que prevê preferências fixas entre 50 e 94% para alguns produtos.

Nos últimos anos, o Brasil ampliou a abrangência temática dos seus acordos, celebrando acordos de Facilitação e Cooperação de Investimentos (ACFI), serviços e compras públicas. Entretanto, de 14 acordos concluídos, apenas dois, os de investimentos e serviços do Mercosul estão em vigor. Assim, na prática, mesmo aqueles acordos ampliados e atualizados, ainda não entraram em vigor.

Vale ressaltar que Brasil e Chile concluíram, em 2018, um Acordo de Livre Comércio que abrange novas regras em temas como barreiras técnicas, medidas sanitárias e fitossanitárias, comércio eletrônico, facilitação de comércio, meio ambiente e acesso a mercado











em compras governamentais, sendo o acordo mais completo já celebrado pelo Brasil na região – o acordo ainda está em tramitação.

Os países da América do Sul também ampliaram a sua rede de acordos comerciais nos últimos anos, tendo alguns acordos em vigor com China, Coreia do Sul, Estados Unidos e União Europeia. Chile e Peru ainda são membros do Acordo Abrangente e Progressivo para a Parceria Transpacífica (CPTPP) e das grandes economias da região, apenas o Mercosul não possui acordo de livre comércio com o Reino Unido.

Além de eliminar tarifas de importação, esses acordos são mais abrangentes do que os celebrados pelo Brasil com os países da América do Sul ao compreender mais temas que dão mais acesso a mercados, previsibilidade e segurança jurídica aos negócios bilaterais, como facilitação de comércio, compras governamentais e outros.

Esses acordos mais completos, em conjunto com a perda de competitividade do Brasil, contribuem para as perdas de exportações das empresas brasileiras nos vizinhos sul-americanos. Dessa forma, uma agenda importante ao Brasil é seguir com a internalização dos acordos mais abrangentes com Chile e Peru e negociar a ampliação com demais países, sobretudo a Colômbia, cujo acordo com o Brasil é mais restritivo até do ponto de vista tarifário.

TABELA 6 – Principais acordos extrarregionais da América do Sul

	 Mercosul	 Bolívia	 Chile	 Colômbia	 Equador	 Guiana	 Peru	 Suriname	 Venezuela
 Aliança do Pacífico	✓		✓	✓			✓		
 EU	✓		✓	✓	✓	✓	✓		
 Japão			✓				✓		
 Coreia	✓		✓	✓			✓		
EFTA	✓		✓		✓		✓		
 China			✓				✓		
 Canadá	✓		✓				✓		
 Singapura	✓		✓				✓		
 EUA			✓				✓		
CPTPP			✓				✓		
 Reino Unido			✓	✓	✓	✓	✓		
 México	✓	✓							

Em vigor

Em tramitação

Em negociação



6 PRIORIDADES PARA A AMÉRICA DO SUL

Os países da América do Sul ocupam lugar de destaque nos fluxos de comércio do Brasil. Apesar da perda de mercado nas exportações brasileiras para a região, os países sul-americanos representam 12,2% das exportações e 11,6% das importações do Brasil.

É fato que esse desempenho negativo das exportações brasileiras tem vários motivos, como a própria perda de competitividade da indústria nos últimos anos. No entanto, enquanto o Brasil avançou na agenda econômica e comercial sob o guarda-chuva da ALADI, as economias da América do Sul celebraram acordos ambiciosos com grandes economias nos últimos anos.

Isso tem, gradualmente, contribuído para que o Brasil concorra em condições menos favoráveis em seus mercados, sobretudo pela diferença de escopo e abrangência das regras dos acordos. As únicas exceções são o Mercosul, Chile e Peru que possuem acordos celebrados em diversos temas, porém ainda em tramitação nos países.

Para que o Brasil recupere sua vantagem competitiva na região, é necessário consolidar a integração já existente na América do Sul, sobretudo com a internalização e implementação dos acordos concluídos. A agenda na região deve ter objetivos claros, que abranja:

- 1) **Internalizar dos acordos** temáticos, sobretudo no Mercosul (Protocolo de Compras Públicas e Protocolo de Facilitação de Comércio), o acordo de livre comércio Brasil-Chile e o Acordo de Ampliação Econômico-Comercial Brasil-Peru.
- 2) **Fortalecer a integração no âmbito do Mercosul**, sobretudo por meio da eliminação de barreiras relacionadas à aduana e facilitação de comércio, barreiras

técnicas e sanitárias e fitossanitárias, celeridade nos procedimentos internos, modernização e aprimoramento das regras de origem e intensificação do diálogo e transparência com o setor privado.

- 3) **Ampliar o acordo com a Colômbia**, com alteração para 100% as preferências outorgadas no ACE-72 para os bens que ainda possuem preferências tarifárias entre 50 e 94% e conclusão de negociações de um acordo em compras governamentais, estimado em US\$ 25 bilhões na Colômbia.
- 4) **Atualizar as regras de origem**, em linha com os novos acordos do Mercosul e a partir de consultas ao setor privado, e negociar regras que permitam a acumulação de origem na região.
- 5) **Promover o diálogo e iniciativas facilitadoras de comércio** em regulamentos e normas técnicas e medidas sanitárias e fitossanitárias, sobretudo com foco no reconhecimento de equivalência, harmonização e troca de informações.
- 6) **Eliminar reservas de carga no transporte marítimo** existentes com a Argentina e o Uruguai, permitindo a participação de navios estrangeiros no transporte marítimo.
- 7) **Intensificar a transparência de informações e cooperação**, com a divulgação, de maneira simplificada, gratuita e em plataforma digital os acordos e as regras aplicáveis, sobretudo em regras de origem, facilitação de comércio, barreiras técnicas, medidas sanitárias e fitossanitárias e compras governamentais.
- 8) **Promover atividades de cooperação** por meio de seminários e capacitações, em conjunto com o setor privado, para sensibilização das empresas dos benefícios oriundos dos acordos.

CNI

Robson Braga de Andrade
Presidente

DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL E ECONOMIA – DDIE

Carlos Eduardo Abijaodi
Diretor de Desenvolvimento Industrial e Economia

Superintendência de Desenvolvimento Industrial - SDI

João Emilio Padovani Gonçalves
Superintendente de Desenvolvimento Industrial

Gerência de Políticas de Integração Internacional

Fabrizio Panzini
Gerente de Políticas de Integração Internacional

Allana Rodrigues
Carolina Matos
Marina Isadora Barbosa
Marcelle Pujol
Marcus Silva
Equipe Técnica

DIRETORIA DE COMUNICAÇÃO – DIRCOM

Ana Maria Curado Matta
Diretora de Comunicação

Gerência de Publicidade e Propaganda

Armando Uema
Gerente de Publicidade e Propaganda

Katia Rocha
Coordenadora de Gestão Editorial

André Luiz de Oliveira
Produção Editorial

DIRETORIA DE SERVIÇOS CORPORATIVOS – DSC

Fernando Augusto Trivellato
Diretor de Serviços Corporativos

Superintendência de Administração – SUPAD

Maurício Vasconcelos de Carvalho
Superintendente Administrativo

Alberto Nemoto Yamaguti
Normalização

André Luiz de Oliveira
Revisão Gramatical

Editorar Multimídia
Projeto Gráfico e Diagramação


 cni.com.br

 [/cnibrasil](https://www.facebook.com/cnibrasil)

 [@CNI_br](https://twitter.com/CNI_br)

 [/cnibr](https://www.instagram.com/cnibr)

 [/cniweb](https://www.youtube.com/c/cniweb)

 [/company/cni-brasil](https://www.linkedin.com/company/cni-brasil)



Confederação Nacional da Indústria
PELO FUTURO DA INDÚSTRIA